

# Notícias de Guimarães

Ano 18.º N.º 936  
 GUIMARÃES, 8 de Janeiro de 1950  
 Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4319  
 Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177  
 Visada pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

## O PALÁCIO DA JUSTIÇA NOVO ANO! ÁGUAS PASSADAS... Um presidente na berlinda

Em Portugal, em todo o território continental da República, e, provavelmente, no de todas as suas províncias ultramarinas, a Justiça ainda não logrou, até hoje, que lhe fosse facultado um palácio onde os seus magistrados, os seus tribunais, pudessem exercer as funções solenes e austeras que lhes competem, num âmbito de imponente e grandeza em relação com a majestade da mais augusta expressão, que ela é, do Direito e da Soberania Nacional.

Em Lisboa, nessa cidade que foi capital do Reino e da República e hoje o é do Império, ainda não foi possível iniciar-se a construção de um palácio para a Justiça, apesar de há tantos anos nisso se pensar e falar e até de já tanto e por tão longo tempo se ter contribuído, por taxas especiais, para a sua construção. Ainda nem sequer foi decidido em que local ele virá a ser construído um dia.

No Porto, segunda cidade do país, a Justiça ainda não dispõe de uma instalação condigna e, porventura, ainda ninguém se aventurou a pedir para ela um palácio, porque todos se contentariam com edifício sóbrio, decente e amplo, dispensando a sumptuosidade que não é circunstância integrante do respeito severo que a sentença de um tribunal incute.

O mesmo acontece, mais ou menos, por todas as sedes de comarcas de Portugal, onde as aspirações se limitam, e, mesmo assim, raras são satisfeitas, à obtenção de casas com o conforto e amplidão indispensáveis para a instalação dos seus tribunais e dos seus serviços anexos.

Estava destinada a Guimarães, a esta terra tão distinguida pelos favores e atenções dos poderes públicos, tão acarinhada e bem defendida pela actividade e bairrismo dos seus habitantes e das incansáveis autoridades que os representam, a honra insigne, até hoje nunca atingida por qualquer outra cidade do país, de ser a primeira onde vai ser erigido um monumento à Justiça, um palácio que substitua a malcheirosa e muito suja e muito incómoda e muito deficiente instalação do nosso tribunal.

E isto veio de repente, sem aviso prévio, de surpresa; estamos em crer que nem o ilustre e activo mensageiro que nos trouxe a notícia esperava para tão breve o êxito, assim completo e altamente generoso, dos porfiados esforços que desde há tanto tempo vinha empregando com aquela tenacidade, firmeza e excepcional espírito de decisão que todos lhe admiramos com a mais despreocupada das confianças e o mais profundo dos reconhecimentos.

Guimarães vai ter, pois, um palácio da Justiça e até se diz que para a sua construção estão já destinados cerca de seis mil contos. Para uma comarca como a nossa, que largamente se satisfaria com menos de um terço dessa verba para adaptar o actual edifício onde desde há tantos anos o Tribunal está instalado e é suficientemente amplo para uma completa e conveniente arrumação

de todos os seus cartórios, arquivos e salas de audiência, magistrados, advogados e testemunhas, a generosidade de um palácio que o substitua e dispense o espaço que lhe estava reservado no edifício dos Paços do Concelho há muitos anos iniciado e para cuja conclusão só falta um pouco de boa vontade, é razão para um grande júbilo e uma enorme gratidão.

Simplemente há um lapso enorme, assombroso mesmo, a embaciar o gaudio que todos os vimaraneses, sem excepção, sentem com tão faustoso e agradável acontecimento. É o que se deu com a escolha, que se diz ter sido feita, do local para a construção do palácio. Consta que é na Praça do Município, mesmo em frente dos Paços do Concelho em construção e apenas a uns 10 metros de distância, que se pensou em edificar também o palácio, que ficaria assim com a fachada principal voltada ao norte e as trazeiras para a cidade, tolhendo a linda praça que é indispensável em face dos Paços do Concelho, obstruindo-a, transformando-a numa ruína, simples prolongamento da Rua Nun'Alvares.

É claro que ninguém acredita que esse local tenha sido escolhido com o propósito preconcebido de impedir que a construção dos Paços do Concelho continue. Seria insensato e criminoso conceber que a ideia generosa e grandiosa

Continua na 2.ª página.

Entra «Notícias de Guimarães», no dia 11 do mês em decurso, num novo ano de actividades e empreendimentos, servindo os altos interesses nacionais e a sua Terra estremecida, esta urbe de vetustas e gloriosas tradições históricas.

Estrénuo defensor, acérrimo paladino de Guimarães e de seu alfoz, arauto e mensageiro das justas aspirações concelhias, sempre este hebdomadário tem merecido, no consenso geral, na opinião pública, do acolhimento mais favorável.

São, sem dúvida, os pequenos órgãos jornalísticos, a imprensa regionalista, enfim, verdadeiros baluartes e incondicionais defensores da Grei.

A sua missão é altamente louvável, porque altamente patriótica.

A pequena imprensa, como soi dizer-se, é fulcro valioso, forte sustentáculo, alavanca potente servindo a sua Terra e o seu Concelho, que é servindo a Causa Nacional!

Que de ingentes dificuldades, mormente materiais, não dificultam a sua missão!...

Sem largos recursos, de escassa e bem reduzida tiragem, de relativa expan-

são, a vida da imprensa regionalista não é promissora e ridente.

Faz mister acarinhá-la, incentivá-la, pois!

Completa este Semanário dezoito anos de existência: a todos que nele e para ele trabalham, a todos os que cooperam em prol de Guimarães (terra que me é querida, embora não seu Filho) vão, neste dia — que é de regozijo para todos os vimaraneses sem distinções — as minhas mais efusivas e mais sinceras saudações!

S. Torcato, Janeiro de 1950.

Prof. Joaquim Martins Lima.

## UM ANO MAIS

Já não é pequena a caminhada do «Notícias de Guimarães»! Dezoito anos são decorridos sobre a sua existência o que dá motivo bem justificado para felicitar o autor de seus dias, quer dizer, deste jornal vindo a público numa hora bem difícil, amarga mesmo, devido a circunstâncias várias as quais aconselhavam toda a prudência possível para não ir de encontro àqueles momentos agitados da vida nacional, felizmente agora mais claros e melhor definidos. Cada um no seu lugar — mas sempre unidos no amor à Terra Vimaranesa e à Pátria Lusitana.

Tem sido árdua e dura a tarefa deste jornal? Sem dúvida.

O seu esforço tem sido grande, gigante mesmo, para se manter e sustentar um semanário como é o «Notícias de Guimarães», que, nestes dezoito anos, tem cumprido, como sabe e como pode, o seu dever bairrista e patriótico, alheio a facções, que é o melhor do seu orgulho, indiferente a grupos ou classes, mantendo uma atitude digna do respeito de todos, uma linha de conduta que só dignifica e enobrece o Homem que, em 1932, meteu ombros a uma empresa de grandes e graves responsabilidades como é de atirar aos quatro ventos com um jornal para um meio que tão ingrato e rebelde tem sido para publicações periódicas que antes e depois do «Notícias de Guimarães» tiveram vida efémera...

Se outras razões não existissem e que muito honram a personalidade do seu ilustre Director, o nosso amigo Antonino Dias Pinto de Castro, estes dezoito anos de vida do seu jornal, são o seu melhor orgulho — obra da sua teimosia própria de vencer os mais duros obstá-

Respiro de um livro esta efeméride:

«No ano de 1862, após uma luta de 10 anos, o glorioso Professor Francisco de Almeida, vê organizar-se em Guimarães o Asilo de Santa Estefânia para ambos os sexos, tendo por benfeitora principal a Senhora D. Maria da Conceição Vieira de Nápoles.»

Dez anos de luta! Após o que o Professor Francisco de Almeida — um modesto cabouqueiro das letras — viu a seu lado uma Senhora, a ajudá-lo, a colaborar com ele, para que o seu lindo sonho triunfasse. E triunfou!

Não me proponho esboçar sequer a história da simpática

e benemérita instituição vimaranesa. Apenas quero utilizar a transcrita efeméride respeitante à fundação do Asilo, há 87 anos, para louvar o Presidente que é actualmente o timoneiro da sua Direcção.

Sempre a minha simpatia soube distinguir entre o anónimo obscuro, sem recursos, que pela sua esforçada vontade faz milagres de acção social em prol do Comum, e aquele outro que, fortalecido, encorajado pela fortuna própria, demanda igualmente as tarefas filantrópicas. Dois tipos de altruísmo. Ambos dignos da minha admiração. E certo. Mas, confesso: o meu primeiro e mais entusiástico aplauso parte para o benemérito humilde que, sem cheta, só armado do escudo e lança da sua vontade, acomete em-

culos dentro do hodierno jornalismo vimaranesa.

Por tal motivo, lhe endereçamos os nossos aplausos, encorajando-o mais e mais no sentido de continuar na sua rota de Bem Servir e Bem Amar esta Terra de Guimarães.

Domingos Ribeiro.

## EURICO TOMAZ DE LIMA

Esteve na redacção do Notícias de Guimarães, a apresentar os seus cumprimentos, o pianista e compositor Eurico Tomaz de Lima, que regressou, da sua triunfal «tournee» ao Brasil, no dia 16 de Dezembro, no navio «North King», convidado especialmente pela Direcção da «Sociedade de Navegação Luso-Penanesa».

Eurico Tomaz de Lima, que vem maravilhado com a recepção carioca e entusiástica do Público Brasileiro e da Colónia Portuguesa, e, com as apreciações da Crítica, pela análise justa e lúcida feita às suas obras, deu seis concertos no Rio de Janeiro, (Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, Teatro Municipal); um, na «Cultura Artística» de Petrópolis; dois, em Belo Horizonte, (Conservatório de Música, Centro da Colónia Portuguesa); e um, no Teatro Municipal de São Paulo.

Concedeu duas entrevistas radiofónicas e realizou três recitais nas Rádios «Ministério da Educação e Saúde», «Olobo» e «Roquete Pinto» da Prefeitura do Distrito Federal e na «Rádio-Gazeta» de São Paulo.

Foi homenageado pelas Tertúlias Académicas Luso-Brasileiras, do Rio de Janeiro e São Paulo, assim como pela Colónia Portuguesa domiciliada em Petrópolis.

A «Casa do Porto no Rio de Janeiro» e o «Liceu Literário Português», na mesma capital, — onde Eurico Tomaz de Lima, deu um recital de Música Luso-Brasileira, integrado nas comemorações do 81.º aniversário da sua fundação, — conferiram-lhe o título de Sócio Honorário, entregando ao nosso compatriota os respectivos diplomas, pela elevação e patriotismo como representou e prestigiou a Música Portuguesa em terras de Santa Cruz.

\*\*\*

O Professor Eurico Tomaz de Lima começou a leccionar o Curso de Piano, que mantém nesta cidade, para o qual continuam abertas as inscrições, podendo os interessados dirigir-se à Ex.ª Senhora D. Maria Luísa Romano — Lugar do Picoto — Guimarães, ou à nossa Redacção.

## Automóvel «Renault»

Vende-se em conta. Regular estado de conservação. Informa esta Redacção. \*\*

## NO MEU CANTINHO

Uma ou outra vez, de longe a longe, agrada-me a poesia moderna.

Quantas vezes li eu Maria Berta Maia de Loureiro na *Flama* de 9 de Setembro?! Ora leia, Gualberto:

### COMO VI O MAR

Zangaste-te comigo, amor!  
 E uma noite, desesperada, fugi!  
 Foi para longe, bem longe,  
 Onde para mim ninguém pudesse olhar!  
 E fui ver o mar!  
 Desiludida e triste, olhei-o de lé a lé!  
 E ele, adivinhando tudo o que eu sentia,  
 Ao pé de mim veio ter,  
 E de mansinho  
 Beijou-me os pés!  
 Contou-me as suas mágoas  
 Que afoga nas suas águas:  
 Tanto pranto, tanta dor!  
 E eu que não sabia  
 Que o mar sofria assim, amor!  
 O clima que ele sente  
 É impossível contar,  
 Quando vê à noite a praia sua amada  
 Ser toda, toda, beijada  
 Pelo luar!

E o mar falava, falava  
 De coisas que eu nunca vi!  
 Mas eu não via o mar, não via nada!  
 Só te via a ti!

Primeiro com muito medo,  
 Depois com confiança, comecei eu a falar!  
 Contei-lhe tudo,  
 Todas as penas, todos os ais!  
 E o recato que tinha,  
 Que tu não voltasses mais!

E tanta coisa triste eu lhe disse,  
 Que ele ao ouvir-me... sofreu!  
 Por fim, muito baixinho  
 Chorávamos os dois:  
 O mar... e eu!

Calei-me. Continuei chorando,  
 E sempre, meu amor, pensando em ti!  
 Até que, cansada de chorar,  
 Estendida na areia,  
 Adormeci!

Modernices assim sabem-me a pouco!  
 Garesino.

## Natal

Natal da minha infância, já distante...  
 Presépio de saudades no meu peito,  
 Recordo na lembrança palpitante  
 Revivido num sonho mais perfeito.

Quanto presente espero, inda anelante,  
 Que o Menino Jesus me não tem feito!  
 E ponho o meu sapato confiante  
 Na chaminé que o tempo tem desfeito.

Nessa velha ilusão, muito querida,  
 Desejo a madrugada prometida  
 Que seja a redenção de todo o mal...

Aos homens melhor sorte do que a minha!...  
 Tenhais, crianças, como outrora eu tinha  
 Os mais lindos brinquedos de Natal!

Brasil — S. Luís,  
 Natal de 1949

## Ano Novo

Um ano mais findou. Mas novo recomeça...  
 A vida é que menor, assim, se foi tornando.  
 Sempre indiferente, o tempo vai passando  
 E sem que o fim de tudo, acaso a gente impeça.

Um dia dura até que então outro amanheça!  
 E a terra continua impávida girando...  
 Vamos, portanto, sempre o nosso Amor cantando,  
 Que a alegria de agora, em nós, jamais pereça!

Um ano mais... Que importa um ano, em andamento?...  
 Vivamos a ilusão em doce encantamento...  
 Ventura ele nos traga em prodígio regaço!

No mundo em que a existência em fuga nos decorre,  
 A vida é que termina em triste e curto espaço...  
 Eterno, como Deus, o tempo nunca morre!

Brasil — S. Luís,  
 Ano Novo de 1949

ELISIO DE VASCONCELOS.

# Tempestade e bonança

Têm sido constantes os clamores dos Vimaraneses contra a tempestade da pouca sorte que tem destruído as suas mais legítimas aspirações no que diz respeito ao progresso da sua terra. Esse facto tem dado motivo a justos e ordeiros desabaços na Imprensa, visto esta ser o portavoz do mais puro bairrismo e do mais devotado patriotismo, quando orientada pelo único ideal de bem servir os respectivos povos e a própria Pátria. Quando assim seja, a Imprensa não deixa de ser uma forte e poderosa alavanca do progresso e a expressão leal e sincera do Amor Pátrio.

Está neste caso a Imprensa de Guimarães, que, sem intenções reservadas ou fins ocultos, tem pugnado pela realização de certos melhoramen-

preendimentos que transcendem o âmbito estreito do Egoísmo — o caso onde se metem certos varões illustres da nossa terra.

Quando, pois, o actual Presidente do Asilo gasta do seu bolso particular umas boas dezenas de contos em benefício da referida instituição, ainda assim eu coloco em lugar de mais destaque todos os seus esforços, canseiras, cuidados, — e tantos lhe tem dispensado — para que a instituição que administra singre venturosamente.

Repito: Se as dezenas de contos de que tem disposto o Presidente do Asilo de Santa Estefânia (antigo aluno da escola primária que funcionou junto do Asilo) andassem desacompanhadas do seu anseio carinhoso de ser prestante à instituição, então bem pouco era o que dava. Porquanto... Mais que o capital-dinheiro, é o capital-esforço. A moeda que o pobre dá ao pobrezinho, ganha em virtude à ostentosa exhibição dos nababos da fortuna.

Mais do que dar, é saber dar. Isto anda posto por doutrina no Evangelho.

O Presidente do Asilo de Santa Estefânia não tem olvidado este preceito.

Dispõe dinheiro do seu bolso, mas não o reclama. São os outros, somos nós, os seus conterrâneos, os seus amigos, os seus admiradores, que falamos em tal. E falamos para que siga o exemplo quem o possa fazer.

Só assim se desvanecerá no Mundo o mal da inveja contra os detentores do capital. Não digam para aí os católicos insensatos que — quem dá aos pobres, empresta a Deus.

Semelhante maneira de dar, não é dar, é operar. Operação de rendimento. Capital a juros.

Se julgam, por tal processo cambial, de onsenar, conquistar o Céu — enganam-se.

O Asilo de Santa Estefânia encontrou o seu Presidente. Dá-lhe cuidados sem conta: — para que o edificio se complete; para que a despesa não faltem os viveres; a vestimenta tenha o indispensável; a saúde das internadas seja defendida; o património da sua educação vá em acréscimo.

António José Pereira Rodrigues sabe querer e sabe vencer! Não é esta a sua primeira revelação.

Louvo-o por isso. Quinta das Aves Delícias

A. L. de Carvalho.

tos sem os quais esta terra não poderá considerar-se abrangida pelo progresso nacional. Porém, essa tempestade — que já foi maior — vai abrando a fúria dos seus efeitos, e tem face dessa circunstância, vai cedendo lugar à esperança da bonança, o mesmo que dizer à esperança em melhores dias para a Vida e para o progresso de Guimarães. Que assim é, prova-o o facto de se encontrarem em curso as obras para o abastecimento de água à cidade, problema número um e que, desde há muitos anos, vinha sendo reclamado pela respectiva opinião pública.

Sobre este assunto, surgiram, há dias, uns desagradáveis rumores que, afinal, não foram confirmados, graças à interferência imediata e decisiva do ilustre Presidente da Câmara, que ao ter conhecimento deles se deslocou a Lisboa, conseguindo remover as imprevisíveis dificuldades que deram motivo a tais rumores. Temos, portanto, esse importantíssimo problema no caminho da sua desejada solução e, enquanto isto sucede, outro melhoramento, igualmente muito necessário e de reconhecida importância, está anunciado.

Queremo-nos referir à construção de um majestoso Palácio de Justiça, onde ficarão condignamente instalados todos os serviços judiciais, a Secretaria Notarial e as Conservatórias do Registo Predial e Registo Civil. Com este melhoramento, ao qual o Sr. Presidente da Câmara também dispensou toda a sua atenção, segundo nos informaram, vão desaparecer, num futuro muito próximo, as vergonhosas e impróprias instalações onde os referidos serviços funcionam actualmente, dignificando-se, assim, a categoria e o bom nome de Guimarães.

Parece, pois, que o *marasmo* Vimaranesense tende a desaparecer, sendo certo que outros melhoramentos não deverão ser esquecidos, entre os quais o saneamento da cidade, a conclusão do edificio destinado aos Paços do Concelho — aspiração que vem de longe data, a construção do Matadouro Municipal e a aquisição de auto-carros para transportes sub-urbanos. Como estes, outros poderíamos citar, mas para já não se nos afigura oportuno ir mais além, visto que, quer o saneamento, quer o edificio para os Paços do Concelho, quer o Matadouro, quer a facilidade de transportes para os principais aglomerados desta região, assim como para a Penha, são os que mais reclamam uma solução com a possível brevidade.

De resto, não há da nossa parte a intenção de apontar impossíveis ou absurdos, mas apenas procuramos interpretar os desejos de todos os Vimaraneses que se sentem magoados com a apatia em que têm vivido as suas aspirações.

Porém — e porque não há mal que sempre dure — não andaremos longe da verdade se afirmarmos que Guimarães terá o que por direito e por justiça lhe pertence, desde que, com fervoroso dinamismo e com arreigada dedicação, todos trabalhem nesse sentido e sobretudo desde que os seus representantes junto do Poder Central não descurem os problemas dos quais depende o factor-progresso. E por que não há-de ser assim?

S. M.

## BATATA DE SEMENTE

Chamamos a atenção dos nossos leitores e anúncio publicado neste jornal com a epigrafe acima.

# Primeiro baptizado e primeira missa no Cuanhama

Ao meu velho amigo e Bispo Coadjutor da Guarda, S. Ex.ª Rev.ª D. Domingos da Silva Gonçalves, Ao meu velho professor, Cônego Alberto da Silva Vasconcelos. (Conclusão)

Quando soubemos da sua chegada a esta povoação todos os funcionários militares e civis o fomos cumprimentar, e bem assim todas as Senhoras e crianças que acompanharam os seus Maridos e Pais.

Eramos talvez uma dúzia de homens brancos, umas seis Senhoras e outras tantas crianças.

O primeiro pedido feito pelas Senhoras foi o dos socorros espirituais, confissões, comunhões e de, pelo menos, uma Missa para todos.

Entre as crianças havia uma, filha do sargento Montanha Dias, já de seus 8 ou 10 anos, que, por circunstâncias do serviço de seu Pai sempre afastado dos locais mais civilizados, ainda não tivera ocasião de ser baptizada.

Ficou aprasado para o dia seguinte o baptizado e a satisfação dos socorros de confissões, deixadas de fazer algumas há bastantes anos, e a Missa para dois dias depois.

Fui escolhido para Padrinho e minha mulher para Madrinha da menina que ia ser baptizada.

A cerimónia realizou-se ao ar livre, com o altar montado junto do carro boer, rodeado de todos os assistentes brancos e bastantes indígenas, que seguiam as cerimónias com curiosa atenção.

Não tenho bem a certeza, mas parece-me que a pia baptismal se improvisou uma bacia de ferro esmaltado, e a água foi benzida na ocasião, e a que sobrou deste acto foi arrecadada por todas as Senhoras.

Monsenhor Bonnefoux teve a paciência de benzer quantos rostos apareceram, crucifixos e santinhos pertencentes a brancos e até a alguns pretos.

\*\*\*

No dia seguinte às 8 horas realizou-se a Missa a que compareceram todos os funcionários militares e civis, acompanhados de suas Famílias.

No átrio alpendrado da minha casa, uma modesta casa de pau a pique, coberta de capim, porque só nessa ocasião se começaram a fazer construções mais cómodas, de adobo e cobertas de telha, e que presentemente se estendem a todos os serviços públicos e a habitações particulares da actual Vila Pereira d'Éça, se colocou o altar portátil, que as Senhoras adornaram de flores e arbustos tropicais.

Um pouco afastadas várias filas de cadeiras para os assistentes brancos e suas Famílias, que envergavam as suas melhores vestes.

Dois ou quatro velas de cera pontuavam de luz este cenário simples, grandioso e belo.

Ao fundo, no céu, o sol, pouco alto ainda, ia enchendo de luz, de calor e de vida este quadro estranho da celebração dos mistérios Divinos, nesta paisagem que, pela primeira vez, recebia a consagração de uma vida nova de progresso e futuro mais humano e feliz.

Uma multidão numerosa, atenta e curiosa, tinha-se juntado a pouco e pouco aos europeus que iam comunicar solenemente com Deus; soldados pretos, indígenas, servçais, crianças e velhos, todos se apertavam em torno a nós para observarem a augusta cerimónia.

Talvez duzentos ou trezentos pretos tinham sabido que os brancos iam falar com o seu Deus e queriam assistir a esse acto solene.

Monsenhor Bonnefoux, que se tinha paramentado em minha casa, appareceu modesto e simples, acolitado por um sacristão preto.

Não posso recordar-me sem uma certa alegria da impressão um tanto ou quanto cómica deste sacristão durante o baptizado da véspera.

E' que o estropeado latim que ele dizia, e ainda accentuado pelo sotaque indígena, dava-lhe um ar tão engraçado que todos os que assistiram não puderam deixar de o manifestar, mas não sem que Monsenhor não sublinhasse essas manifestações com o seu fino e alegre sorriso.

De facto, o baptizado da véspera foi uma respeitosa mas sorridente cerimónia.

Mas naquela ocasião o cenário era solene demais para se atender ao estropeado latim do sacristão, e todos estavam com penetrados da augusta Magestade de tão austero sacerdote, e do papel que representava nesse momento.

Não vou buscar páginas de descriptivo à «Primeira Missa no Brasil» para tornar mais suggestiva esta cena, mas suponho a emoção de Monsenhor ao lançar a sua bênção sobre estas cabeças curvadas, comovidas e religiosamente concentradas, recordando a sua terra distante, os entes queridos que viviam longe, elevando o seu espirito às alturas onde poderiam encontrar sossego para as suas atribuições, remédio para as suas dores e consolo para as suas aflições.

distante, por vezes, desta comunhão de pensamentos e de sentir, que o coração parecia não poder caber no peito, e uma sensação desconhecida se apoderava de todo o nosso ser, exaltando até ao sublime as faculdades mais íntimas.

Havia como que uma luz irradiando de Monsenhor, cheia de bondade, de carinho e bênção, que nos cobria a todos e se espalhava triunfante por aquelas terras em que tão poucos representavam a nossa Pátria.

Sobre as nossas cabeças passou a bênção, para nós, para os nossos, para pretos e gentios, por sobre aquela terra e aquelas gentes, respeitosa e ingenuamente encantada com a celebração das cerimónias de um Deus, que eles ainda não conheciam.

Longe das lutas e paixões dos homens, num meio ainda virgem, irmanados todos na recordação da Pátria tão distante, unidos todos para o seu engrandecimento nestas terras que eram agora pertença da nossa Soberania, celebrada por quem sempre se manteve alheio às disputas dos homens, na sua missão civilizadora moral e material, assim se realizou a primeira Missa no Cuanhama.

(De uma conferência realizada no Liceu de Guimarães, e com a mesma dedicatória).

Jugueiros — Felgueiras, 15-12-49.

A. de Quadros Flores.

## Presidente da Câmara

A tratar de assuntos de interesse deste concelho, esteve em Lisboa o ilustre Presidente da Câmara Sr. João M. Rodrigues Martins da Costa.

## BOAS FESTAS

Recebemos cartões de cumprimentos de boas festas de mais as seguintes individualidades, às quais, com os nossos agradecimentos, queremos do mesmo modo expressar os melhores desejos de um Novo Ano muito próspero:

Direcção de «O Lar do Comércio», do Porto; Rotary Club de Braga, Direcção do Rotary Club do Porto, Dr. Nuno Simões, Dr. Américo Durão, Francisco Vilarinho, Carlos Augusto Pires Nunes e Estêvão Manuel Rocha, de Lisboa; P.º Alexandrino Brochado e Adolfo Leitão de Carvalho, do Porto; Eng. Augusto César Justino Teixeira, Delegado da Junta de Exportação dos Cereais e Esposa D. Ermelinda Amália de Freitas Justino Teixeira, de Luanda; Madame Jeanne Albertine Souchois Felgueiras e marido Sr. Dr. Mariano da Rocha Felgueiras, Prof. Mário de Sousa Meneses, Comendador Padre Augusto Borges de Sá, Eng. Eieutério Martins Fernandes, Dr. Carlos Saraiva, Manuel Alves de Oliveira, Afílio M. Barbosa de Matos, Escritor Correia da Costa, de Lisboa; António Alves Regueiras, de Santo Tiraz; Benjamin Constante da Costa Matos, P.º Henrique José Gonçalves Pereira, de S. Torcato, etc., etc.

## Ainda as Bodas de Ouro do Rev. José Ferreira Leite

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia e a Direcção da Casa dos Pobres, no propósito de se associarem à comemoração das Bodas de Ouro Sacerdotais do virtuoso sacerdote Rev. José Ferreira Leite, resolveram mandar celebrar uma Missa, em data e templo a designar, em acção de graças pela saúde do illustrado sacerdote e pelas suas intenções.

João Mota Pregô de Faria  
2, Rua de Paio Galvão, 2  
(Esquina Poente — Toural)  
GUIMARÃES  
Radiologia Geral — Tomografia  
Exames ao domicílio.

## A's nossas gentis leitoras

Na Camareira Martins encontra V. Ex.ª um grande sortido de algodões de bordar D. M. C., acreditada marca franceza, de cores garantidas, brilho inalterável e a nacional marca Ancora, lã para bordar, panos e toalhas riscadas. Descontos especiais. Colossal sortido. Camisaria Martins a Casa das Moças.

# UM NATAL O Palácio da Justiça

HÁ 32 ANOS

Chegou o Natal. À noite, eu e o Sargento L. — com as nossas negras, fiéis e devotadas como cães — relembrávamos as noites passadas junto de nossas famílias, e interrogávamo-nos mutuamente do que elas fariam àquela hora, o quanto carinhosamente se lembrariam de nós, as lágrimas que as nossas Mãezinhas chorariam...

Por vergonha, ocultávamos as lágrimas, deixando-as represadas para lhes dar livre curso quando nos encontrássemos nas nossas respectivas cubatas.

Súbito, um alarido enorme, como o cahor de titânicas cascatas. Interrogávamo-nos com o olhar, quando ouvimos a sentinela negra, bradar AS ARMAS!

O gentio, em massa, como coleante e gigantesca serpente, armado de zagaia, porrinhos, pedreiras, compridas lanças e outras armas gentílicas, vinha atacar o Posto.

A guarnição reduzia-se a vinte e quatro soldados e um corneteiro negro, e nós dois. Ao todo, vinte e sete vidas para opor resistência a milhares de negros aguerridos, selvagens, comedores de gente...

Diriji-me para o parapeito da E. com oito soldados, enquanto o Sargento L. guarnecia o D. com dez. Os restantes soldados guarnecem a ponte levadiça.

Chego ao cimo do parapeito, onde as balas me assobiam aos ouvidos, mandando abrir «fogo vivo» com as pontarias à altura do peito.

O vozear da matula e o crepitar dos tiros fazem uma música macabra, infernal. O Sargento T. aguenta-se bem no seu lugar, com a mesma galharda valentia e desprezo pela vida manifestada em dezenas de combates, e berra-me com toda a força dos seus potentes pulmões: «Não te exponhas. Estes malditos não dão guarida!»

Dois negros que transpuseram a ponte levadiça, jazem inanimados aos pés dos seus exectores, e os mortos à volta do Posto, são aos montes...

Sinto qualquer coisa a aproximar-se de rastos. Volto-me rapidamente e vejo um negro, com a dentuça afiada como agulhas, o olhar incendiado pelo ódio e pelo antecipado prazer de me devorar. Com um pontapé, atiro-o a distância. O corneteiro que assiste à cena, enterra-lhe o sabre até ao punho em pleno peito, donde o sangue sai fumegante. O negro cai e saltando um rancoroso insulto, expira.

Do lado do Sargento L. havia dois mortos e três feridos. Os assaltantes recuavam, para voltar com maior ímpeto ao ataque.

Onze horas da manhã... Há catorze que dura a refrega, sem saber para que lado pende a vitória.

Dois horas da tarde... O Sol cai a pino e queima-nos em vida. O sono, a fome, a sede, o cansaço, o calor esbraseante, começa a produzir os seus efeitos.

Como era impossível aquela situação prolongar-se por muito tempo, resolvi sair com os meus soldados pela ponte levadiça, e, em campo raso, dar uma carga de baioneta. E, semelhantes a demónios, caímos em cima dos negros, de arma em riste, baioneta calada.

Ou milagre de Nossa Senhora da Conceição, — a quem me tinha encomendado e aos soldados que me acompanhavam — ou ao pânico que a arma branca estabelece naqueles selvagens, pouco depois o campo encontrava-se limpo de combatentes, e só nele existiam mortos e feridos, entre os quais eu próprio, com um tiro numa perna. Um dos meus soldados tinha uma coxa esfacelada.

No Posto não havia medicamentos nem recursos de espécie alguma. Eu e os restantes soldados feridos tivemos de ser evacuados para Malange, que distava do Posto 37 dias!

Parti. As trepidações da tipoia transmitiam-se-me ao corpo, fazendo-me sofrer dolorosamente.

Apesar de decorridos 32 anos, julgo-me ainda transportado aos ombros dos negros numa interminável e penosa cavalgada...

Alfres Leite da Cunha.

## Explicações

Pessoa devidamente habilitada lecciona a rapazes e meninas para: Curso Commercial; 1.º Ciclo do Liceu; Exame de admissão ao Curso Commercial e Liceu; 1.º e 2.º graus da Instrução Primária; Concurso para os Correios.

Pedir informações das 8 às 10 horas e das 18 às 20 horas, na Praça de S. Tiago, 28 — Guimarães.

## TEARES, vendem-se

Vendem-se dois teares lisos, reconstruídos, com a largura de pente de 100 centímetros, tipo Butterworthsidickinson, não possuindo alvará.

Prestam-se esclarecimentos na nossa redacção.

de se render preito a Justiça dotando Guimarães com um palácio para a instalação do seu tribunal, na realidade não passasse de mero pretexto para dar ares de justificação aqueles que teimosamente e por todos os processos tentam impedir a conclusão dos Paços do Concelho.

Trata-se, sem admissão de qualquer dúvida, de um lapso, de um erro ou inadvertência, felizmente muito fácil de remediar. E não pode haver dúvida também de que, a estas horas em que escrevemos, já o illustre Presidente da nossa Câmara, com o aplauso e incitamento de todos os seus vereadores e vogais do Conselho Municipal, estará cuidando de desfazer o lapso.

Tanto mais que esse dever lhe incumbe como vimaranense que é e como respeitador que também nunca deixou de ser, pelos primores da sua educação e pela inteireza do seu carácter, da vontade legitimamente expressa dos seus conterrâneos e dos interesses do concelho cuja defesa o Governo lhe confiou.

Nós temos em Portugal um código administrativo e dele se vê sem necessidade de habilitações de interpretação, que é às Câmaras que compete deliberar sobre a abertura das ruas e praças das povoações, sobre o alinhamento das edificações confinantes com ruas ou outros lugares públicos e que só podem essas edificações ser consentidas pelas Câmaras desde que não estejam em desarmonia com a estética e o plano estabelecido das ruas e praças das sedes dos seus concelhos, sejam estes urbanos ou rurais como é o nosso.

Nenhuma Câmara pode permitir que as praças ou ruas das suas povoações sejam obstruídas por qualquer edificação que ao capricho ou precipitação de alguém ocorra levantar no meio ou ao canto de qualquer praça ou rua; nunca isso se viu em parte alguma; pelo contrário, é frequente notar-se a preocupação com que nas reedificações se procura alinhar e regularizar os traçados de forma a melhorar cada vez mais o equilíbrio, a largueza e a estética dos arruamentos urbanos.

E no caso que estamos tratando, dá-se o melindre especial de que tamanho erro, a subsistir, constituiria uma afronta à opinião pública do concelho, um desprezo pelo dinheiro gasto e um propósito inconsciente e imperdoável de ferir e prejudicar, que não pode estar, e não está com certeza, no ânimo de ninguém, seja qual for o critério político ou o modo de ver pessoal de cada um.

Com toda a serenidade esperamos que a consciência pública prontamente será tranquilizada.

■

## BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

Tendo pedido, há tempos, a sua demissão de Comandante dos B. V. de Guimarães o Sr. Engenheiro Alexandrino Mendes de Almeida, foi agora escolhido para preencher tal vaga o Sr. Alberto de Vasconcelos, professor do ensino oficial nesta cidade e que já desempenhou idênticas funções na Corporação de Vizela. A sua posse deve efectuar-se brevemente.

## PRECISA-SE EMPREGADO

para escritório, que tenha o Curso Commercial, preferindo-se solteiro e de maior idade, para trabalho fora da cidade. RUA DA RAINHA, 88. 24

# O Natal dos nossos Pobres

Comendador Padre Augusto Borges de Sá	20\$000
Camilla Gouveia Ramos, à memória de seu marido	10\$000
R. C., por alma do Sr. Júlio Augusto Cardoso, de Lamego	20\$000
Arnaldo Alpoim da Silva Menezes, da Beira, por alma de seu pai	150\$000
Anna Artur Gonçalves Ferreira, do Porto	20\$000
A. C.	20\$000
Fernando Martins Leite da Fonseca, de Santos	50\$000
Joaquim Lopes Martins, Porto	20\$000
A. R.	100\$000
Dr. Ernesto Ramos Faisca	20\$000
<b>Total</b>	<b>23.410\$000</b>

Por ocasião das Festas do Natal e Ano Novo e com a importante soma de vinte e três mil quatrocentos e dez escudos que os leitores e amigos nos confiaram para os pobres, anuíndo pronta e generosamente ao apelo que lhes fizemos, conseguimos minorar muitos sofrimentos e enxugar muitas lágrimas, levando a inúmeros lares pobres da nossa terra um pouco de alegria.

Apraz-nos registar o facto, que sobremodo nos consola, e aproveitamos o ensejo para testemunhar publicamente o nosso profundo reconhecimento a todos quantos — e muitos foram — felizmente — se dignaram acorrer a esse nosso apelo e, ainda, aquelas pessoas que nos auxiliaram na distribuição a fazer, principalmente a numerosas famílias envergonhadas e pessoas doentes.

Que todos sejam compensados com muitas prosperidades no Ano que há pouco começou, são os nossos votos bem sinceros. A nossa distribuição foi feita do seguinte modo:

34 famílias envergonhadas a 200\$000	6.800\$000
6 " " " a 150\$000	900\$000
30 " " " e pessoas doentes a 100\$000	3.000\$000
84 " " " a 50\$000	4.200\$000
2 pessoas a 40\$000	80\$000
1 pobre	25\$000
226 idem a 20\$000	4.520\$000
200 " a 10\$000	2.000\$000
327 " a 5\$000	1.635\$000
Presos da Cadeia Civil	100\$000
Albergue de S. Crispim	50\$000
Idem das Dominicás	50\$000
Recolhimento das Trinas	50\$000
<b>TOTAL ESC.</b>	<b>23.410\$000</b>

Notamos que entre as pessoas contempladas se contam numerosos tuberculosos, cegos, alguns cancerosos, aleijados e inválidos.

# BATATA DE SEMENTE

ORIGEM IRLANDESA E INGLESA

## Arran-Banner e Kerr's Pink

ORIGEM HOLANDESA

## Erdgold (ouro da terra) e Bintje

ORIGEM DINAMARQUESA

## Up-To-Date

NACIONAIS CERTIFICADAS

## Arran-Baner, Arran Consul e Up-To-Date.

A batata estrangeira é para entrega em princípios de Fevereiro e a nacional para entrega imediata.

Façam desde já os seus pedidos a

### Pedro da Silva Freitas

(CHAFARICA)

11, Rua de Santo António, 13

Telefone, 4221 GUIMARÃES Teleg.: PERFEITAS

Representante de

### José Ferreira Botelho & C.ª, Limitada

Rua Mousinho da Silveira, 140-1.º

PORTO

# COMENSAIS Casa com garage e quintal

Aceitam-se em casa particular; cozinha esmerada e preços módicos.

Esta redacção informa. 89

As Fábricas de Tecelagem

Vende-se, absolutamente novo, um metro de medir e enfiar até à largura de 1m,20, com motor acoplado. Prestam-se informes nesta redacção. 19

Pretende-se, por aluguer, casa de construção moderna e confortável, dentro da cidade, para habitação.

Nesta Redacção prestam-se esclarecimentos. 20

**Dr. Julião Carneiro**  
MÉDICO

AUSENTE EM LISBOA, AVENIDA DUQUE D'AVILA, 92-2.º

# da cidade

## Boletim Elegante

### Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 2, o nosso bom amigo sr. Adão Azevedo, de Covas; no dia 8 o nosso amigo sr. Alípio Ribeiro Souza, no dia 9, sr. D. Dulce Andrade da Silva Carvalho e D. Maria da Conceição T. Aguiar Freitas; no dia 10, a sr. D. Carolina Sampaio Soares; no dia 11, o sr. João de Freitas, de Urgeses; no dia 13, os srs. Francisco da Silva e Adílio Carneiro e o nosso prezado amigo sr. Casimiro A. Soares da Silva; no dia 14, o nosso amigo sr. António de Sousa Almeida; no dia 15, a sr. D. Maria Beatriz Teixeira Carneiro de Oliveira, esposa do nosso prezado amigo e importante industrial sr. Belmiro Mendes de Oliveira e os nossos bons amigos srs. Benjamim de Almeida Ferreira, Mário Simões de Sousa Menezes e Joaquim Pereira Soares e a menina Margarida Beatriz Teixeira da Cunha; no dia 16, as gentis meninas Maria Margarida Simões de Sousa Menezes e Maria Isabel Ribeiro Portilha, filha do nosso amigo sr. Amadeu Soares Portilha.

No dia 11, fez anos a sr. D. Lucinda de Jesus Guimarães, esposa do nosso bom amigo sr. Heliodoro de Freitas Guimarães, digno chefe da Estação do Caminho de Ferro.

Completa um ano no dia 15, o menino Mário Acácio Guis Figueiredo, filho da sr. D. Isabel Guis Figueiredo e do nosso amigo sr. Fernando Figueiredo.

Notícias de Guimarães apresentamos os melhores cumprimentos de felicitações.

### Professor Martins Lima

Faz hoje anos o nosso prezado amigo e distinto Colaborador sr. Joaquim



Martins Lima, estimado e inteligente professor do ensino oficial, que no nosso meio conta muitas simpatias granjeadas pelas suas excelentes qualidades.

Notícias de Guimarães felicita-o vivamente, desejando-lhe as maiores prosperidades.

### Partidas e obagadas

Partiu para a Venezuela, onde vai dedicar-se à vida comercial, o nosso prezado amigo sr. António de Azevedo, que nesta cidade, onde foi estimado comerciante, residiu durante alguns anos, tendo conquistado muitas simpatias.

Desejamos-lhe as maiores prosperidades.

Tem estado em Lisboa, de regresso da Madeira, o distinto médico cirurgião e nosso querido amigo sr. Dr. António Paúl.

Tem estado nesta cidade o nosso querido amigo e distinto Colaborador sr. P.º Domingos José da Costa Araújo.

Também estiveram nesta cidade os nossos bons amigos srs. Dr. Nuno José de Freitas, Domingos Pinto Martins, Professor Eurico Tomaz de Lima, Heitor Gomes Fernandes Guimarães, Francisco de Salles Leite da Silva e Vasco Burmester Martins.

Com sua esposa partiu para a Póvoa de Lanhoso, onde é meretíssimo Juiz de Direito o sr. Dr. Alberto Pita da Costa.

Partiu para Lisboa, com alguma demora, o nosso prezado amigo sr. Joaquim Pereira da Cunha.

Regressaram da Madeira os nossos prezados amigos srs. Dr. Fernando Aires e sua esposa, Fernando Lage Jordão e sua esposa, Augusto Pinto Lisboa e Agostinho da Silva Oliveira e sua esposa.

Cumprimentamos nesta cidade os nossos bons amigos srs. P.º Dr. Francisco de Melo, Dr. Fernando de Castro Gonçalves, António José Ferreira, Custódio Vila Nova Guimarães e Joaquim da Silva Leite.

### Doentes

Tem passado doente o sr. D. Narciza de Jesus F. Machado, estimada proprietária do nosso colégio local O Comércio de Guimarães.

Teve alta do Hospital da Misericórdia, onde foi submetido a uma

melindrosa operação, o menino Carlos Henrique Carneiro Leite da Cunha, estremenoso filho do nosso bom amigo sr. Alferes Leite da Cunha e de sua esposa a sr.ª D. Clotilde Felleia Carneiro Leite da Cunha.

Foram operadores os distintos clínicos srs. Drs. Alberto Ribeiro de Faria e João Fernandes de Freitas.

Já se encontra em vias de completo restabelecimento o nosso prezado amigo sr. António Dias, da Cruz da Argola, que no dia 15 de Dezembro do ano findo foi internado na Venerável Ordem Terceira de S. Domingos afim de ser submetido a uma melindrosa operação cirúrgica.

Foram operadores os srs. Drs. João Fernandes de Freitas, Carlos Saraiva e José Maria Pereira de Castro Ferreira.

Tem estado doente, devido a ter-se escaldado com água a ferver, o menino António, de 8 anos, filho do nosso bom amigo sr. José Correia, comerciante em Urgeses e da sr.ª Maria Gonçalves Correia.

Desejamos-lhes o mais breve e completo restabelecimento.

### Pedidos de casamento

Deve realizar-se em breve o casamento do nosso bom amigo sr. João Abreu Coelho Lima, filho do nosso prezado amigo e conceituado industrial no Pevidém sr. Albano Martins Coelho de Lima e de sua esposa a sr.ª D. Belém de Abreu Leite Lima, com a gentil menina Maria de Lourdes da Conceição Malheiro da Cunha Lima, filha do sr. António da Cunha Lima e da sr.ª D. Maria da Conceição M. da Cunha Lima, de S. Martinho do Campo, já falecidos.

O pedido foi feito pelo pai do noivo e pelo seu amigo e conceituado industrial sr. Augusto Pinto Lisboa.

Antecipadamente auguramos aos noivos as maiores venturas.

Pelo sr. Manuel Alves de Oliveira, guarda-livros, foi no passado dia 1, pedida a mão da menina Rosalina do Carmo de Almeida Leite, funcionária dos C. T. T., e gentil filha da sr.ª D. Isabel da Conceição Pereira de Almeida e de seu marido sr. Manuel Leite Pereira, proprietários, para o sr. Domingos António Ribeiro Calisto, ajudante de guarda-livros, filho da sr.ª D. Beatriz de Lourdes da Silva Ribeiro e do sr. Domingos José Ribeiro Calisto, já falecido, devendo o enlace realizar-se na próxima primavera.

### Baptizado

Na igreja da Misericórdia, servindo de parquial de S. Paio, baptizou-se solenemente na penúltima quinta-feira a filha primogénita da sr.ª Dr.ª D. Maria Júlia Maciel Brito Limpo Trigueiros de Lemos Rocha e de seu marido o sr. Eng.º Helder Raúl de Lemos Rocha.

A néfita recebeu o nome de Maria Clotilde.

Foi padrinho o avô materno sr. Júlio de Brito Limpo Trigueiros e madrinha a avó paterna sr.ª D. Virgínia Cardoso de Lemos Rocha.

## Diversas Notícias

### Atropelamentos

No lugar do Miradouro, freguesia de Creixomil, foi colhido por um automóvel, por ter atravessado a estrada nessa altura, a menor de 3 anos Inocência Maria Machado Fernandes, filha do Sr. António Fernandes e de sua esposa Ana Machado. Conduzia o veículo o Sr. Camilo de Cintra Penafort, cuja inculpadabilidade a P. V. e Trânsito reconheceu.

A pequenita foi conduzida ao Hospital da Misericórdia onde se verificou ter sofrido fractura da perna esquerda.

Com ferimentos na cabeça e várias contusões pelo corpo, deu entrada no Hospital da Misericórdia a menor de 11 anos, Custódia da Costa Carvalho, filha de Joaquim da Costa e de Rosa de Carvalho, da freguesia de S. Torcato, por ter sido atropelada, na Estrada de S. Torcato, por um automóvel particular.

A G. N. R., tomando conta da ocorrência verificou não ter havido culpabilidade da parte do motorista, pois a criança atravessava a estrada na altura que o carro passava.

### Arquivo Municipal de Guimarães

Está aberto ao público, das 8 às 12 horas, e das 14 às 17 horas, em todos os dias úteis.

### Farmácias de Serviço

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Barbosa, ao L. do Toural.

### Tem frio?

Compre os agasalhos na Camisaria Martins. Lindas blusas, gilets, casacos e polouvers de lã, camisolas, ceroulas, cachecoles, luvas, soquetes, meias e peugas de lã, para homem, senhora e criança. Calçado de agasalho, botas e pantufas com forro de lã. O maior sortido só na Camisaria Martins a Casa das Meias. 15

**Empregado** Precisa-se para escritório com alguns conhecimentos. Carta à Redacção, 54.

## FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

### José dos Reis Teixeira

Na sua residência, no lugar de Roma, freguesia de Nossa Senhora da Oliveira e contado 69 anos de idade, faleceu na manhã de quarta-feira o abastado capitalista e industrial Sr. José dos Reis Teixeira, natural de Chaves, mas que nesta cidade residia há bastantes anos, sendo geralmente estimado, pelas suas qualidades de carácter e trabalho.

O extinto, sócio da importante firma Bento dos Santos Costa & C.ª Lda, era pai da Sr.ª D. Maria Alice Teixeira Setas, casada com o nosso prezado amigo Sr. Fernando da Costa Setas.

O seu passamento foi bastante sentido.

O funeral do saudoso extinto, que constituiu uma grande manifestação de pesar, efectuou-se ante-ontem às 11 horas no amplo Templo da Ordem de S. Francisco, perante numerosa e selecta assistência entre a qual vimos as Instituições de Assistência da Cidade, Bombeiros Voluntários, Direcção do Vitória Sport Club, Direcção do Grémio do Comércio, Pessoal da Casa Bento dos Santos Costa & C.ª Lda. e Operários da Fábrica de Malhas de J. Rodrigues Loureiro & C.ª, Médicos, Advogados, Professores, Comerciantes, Industriais, Sacerdotes, Funcionários Públicos, Proprietários, Empregados do Comércio, etc., etc.

Do Porto, Chaves, Braga, Lisboa, Fafe, Riba d'Ave e outras localidades vieram várias pessoas tomar parte nas homenagens fúnebres.

O cadáver que se achava encerrado em luxuosa urna de mogno e que até ao dia do funeral esteve em câmara ardente num dos salões do palacete da residência do extinto, foi depois dos officios fúnebres trasladado em carro funerário para o Cemitério de Atouguia, onde ficou encerrado em jazigo da família Loureiro.

No préstito incorporaram-se mais de 150 automóveis que conduziam numerosas pessoas das relações do extinto e da família dorida.

A Fábrica de Fiação e Tecidos do Arquinho, da firma António José Pereira de Lima, F.ª & C.ª, em sinal de sentimento pela morte do prestimoso amigo Sr. José dos Reis Teixeira, cessou a sua laboração até ao dia do funeral e esteve neste representada pela sua gerência e todo o pessoal.

A chave do caixão foi entregue ao sócio do extinto Sr. António José Pereira Rodrigues.

No Cemitério organizou-se um único turno constituído pelos sócios e empregados superiores da Casa Bento dos Santos Costa & C.ª, Lda.

O funeral que esteve a cargo de Augusto Passos, foi dirigido pelo Sr. Gualdino Pereira.

A toda a família dorida apresentamos as nossas sentidas condolências.

D. Margarida Braancamp de Melo Breyner Cardoso de Menezes

Com 77 anos, faleceu na sua residência, rua de S. Caetano, 17, à Lapa, em Lisboa, a Sr.ª D. Margarida Braancamp de Melo Breyner Cardoso de Menezes, proprietária, natural de Lisboa, que deixa viúvo o Sr. Dr. José Cardoso de Menezes (Margaride).

A extinta era irmã da Sr.ª Condessa de Margaride e cunhada dos saudosos Vimaraneses Srs. Conde de Margaride, Luis Cardoso de Macedo e Menezes, Major Alberto C. Martins de Macedo (Margaride), João Cardoso de M. Menezes e das Sr.ªs D. Helena Cardoso de Menezes, D. Júlia Leonor Pinheiro Cardoso de Menezes e D. Arminda Baptista Cardoso de Menezes.

O seu funeral efectuou-se em Lisboa para o Cemitério Oriental.

Os nossos pêsames à família dorida.

40217

É O N.º DO TELEFONE DE  
**ADÃO DOS SANTOS**  
ELECTRICISTA

Rua de Camões n.ºs 57-59  
**GUIMARÃES**

Montagens eléctricas e Rebobinações de motores  
ORÇAMENTOS GRÁTIS.

**QUINTA**  
VENDE-SE

Na freguesia de Atães, composta de boas terras de semeadura, mato e arvoredos, com casa de senhorio e caseiro. Rende anualmente 7 carros de cereais, muitas frutas e vinho. Informa esta Redacção. 12

# Teatro Jordão

- HOJE, às 15 e 21 horas -

APRESENTA

Gary Cooper - Ann Sheridan em

## O BOM SAMARITANO

Uma produção excepcional com uma história que prova não ser o dinheiro a maior riqueza do homem.

Terça-feira, 10 — às 21 horas

O film de Fritz Lang discutido em todo o mundo pela originalidade do seu tema:

## O Segredo da Porta Fechada

com

Joan Bennett - Michael Redgrave Por que é que alguns homens destroem o que mais amam.

Neste programa: **JORNAL UNIVERSAL.**

Quinta-feira, 12 — às 21 horas

## O Amor que tu me deste

Tyrone Power - Anne Baxter A reacção de um americano perante a singeleza de uma irlandesa que se apaixonou por ele.

Neste programa — as mais recentes Actualidades no **JORNAL FOX.**

BREVEMENTE:

**RIBATEJO**

## Club de Caçadores de Guimarães

AVISO

CONVOCATÓRIO

Convidam-se os sócios deste Club a reunir em Assembleia Geral Ordinária no próximo dia 14, pelas 20 e meia horas na sede à Rua de Santo António n.º 68, afim de discutir e deliberar sobre o seguinte:

- Apreciação duma proposta da Direcção;
- Apresentação do relatório, contas e eleição dos novos Corpos Gerentes (art.º n.º 23 dos Estatutos).

Não comparecendo número legal de sócios, a mesma Assembleia Geral funcionará uma hora depois com qualquer número de associados (art.º 28 dos Estatutos).

Guimarães, 4 de Janeiro de 1950.

O Presidente da Assembleia Geral,

**ALBERTO COSTA.**



DEPOSITÁRIO:

**T. Mendes Simões**

GUIMARÃES

TELEFONE, 4227

**Empregado** com prática de cutelarias PRECISA-SE. Nesta Redacção se informa. 14

O amor à Terra e à Grei, eis o nosso lema.

Antologia Universal de Contos

Reis, Damas e Valetes

Pelo grande Escritor Dinamarquês Hans C. Andersen

Não é, evidentemente, um autor desconhecido entre nós, Hans Cristiano Andersen: muitos dos seus contos se encontram já traduzidos na língua portuguesa, tendo deliciado gerações sobre gerações. Não este, porém, que hoje publicamos e que se conservou até há pouco inédito não só aqui como na própria Dinamarca, pátria do autor, devido a uma singular circunstância. Andersen, ao acabar de escrevê-lo, foi acometido do receio de que os seus inimigos — e qual o homem de génio que os não provoca, gerados pela inveja, quando outros motivos não haja? — insinuassem, perante o tema do conto, tratar-se de uma disfarçada sátira à realeza, profetizando-lhe um fim próximo. Ora ele, Andersen, que tivera uma infância quase miserável e uma adolescência difícil e que conseguira caminhar na vida e atingir a glória literária, graças, sobretudo, ao seu privilegiado talento mas também à protecção de seu soberano, a quem não queria por forma alguma melindrar, abateu-se então de publicar este conto e nem sequer o incluiu nas suas obras completas: sepultou-o numa pasta que só muitos anos depois ocorreu em 1875, já ele septuagénario, veio a ser encontrada entre o seu espólio literário. Pelo menos, é assim que os críticos interpretam o caso.

Temos particular razão para estimar Andersen, porque em 1866 excursionou por Portugal e num seu livro de impressões de viajero, depois dado a lume, não regateou louvores à nossa paisagem, ao nosso clima e à nossa gente. Ao contrário do que muitos supõem, não escreveu apenas para as crianças: tem uma obra vasta, variada e toda de fino quilate. Nos seus contos, mesmo nos que, como este que segue, parece haver só fantasia ingénua, há sempre uma vibração humana, uma centelha de humor e de filosofia.

C. de F.

Quantas bonitas coisas se podem fabricar apenas com papel e cartão! Olhem, por exemplo: o pequeno Guilherme tinha, feito só com tal material, um castelo de tamanhas dimensões que ocupava por inteiro a mesa da sala de jantar. Estava pintado de jeito a parecer construído de tijolos vermelhos e coberto com um telhado de cobre reluzente. Também ali havia torres e uma ponte levadiça, e água nos canais em volta, com o tom claro e translúcido do vidro pela simples razão de que era de vidro realmente. Sobre a mais alta das torres erguia-se um vigia esculpido em madeira. O próprio rapazinho fazia a ponte levantar-se e em seguida baixar. Depois punha os soldados de chumbo a passarem por cima dela, abria o portão gradeado do castelo e relevancia a vista pelo grande salão de festas. Ali, em toda a roda das paredes, suspendiam-se enormes quadros emoldurados, os quais muito simplesmente se tinham arranjado num baralho de cartas, sim, de cartas de jogar como as nossas, ornadas de copas, ouros, espadas e paus. Os reis ostentavam as suas coroas e os seus cetros, as damas deixavam descair os véus sobre as espaldas, cada uma delas segurando na mão uma flor, e os valetes empunhavam as suas alabardas e exibiam as suas plumas ondantes.

MATAR SAUDADES

LI

Pela letra alfabética, o primeiro a ser comemorado é o Sr. Padre Abílio. Nunca o vi na Oliveira, porque celebrava noutras igrejas; mas foi sempre um dos meus amigos. Nunca fui a sua casa, nunca recebi dele a sombra de um favor, mas eramos amigos sinceros. O sorriso brincava-lhe sempre à flor dos lábios, e

desfazia-se em amabilidades com quem, como eu, lho merecia. Outro colega a lembrar era o Sr. Padre Saraiva. Já falei dele, creio, nas primeiras crónicas, mas torno a lembrá-lo. Santa alma, de uma simplicidade quase infantil, foi acabar a Barcelos, coitado! Deus lhe fale na alma. Outra alma grande e apreciável era o Sr. Padre António Jordão. Era grande no corpo e gigante no espirito. Com esse encontrava-me mais amiúde, porque era confessor certo no Internato, por ocasião das sextas-feiras e na véspera das

amáveis que lhes ergueram um monumento que teve a duração de vinte anos. A verdade, porém — repara tu nisto —, é que fora construído para durar sempre... Após este comentário o valete de ouros fez com a lança o gesto de «A's armas!» e ficou-se a olhar a sua vela vermelha. E antes que o pequeno Guilherme tivesse tempo para cumprimentá-lo, o valete de paus avançou a largos passos, numa atitude tão solene como a cegonha quando marcha, perna sobre perna, pelos campos. O trevo negro estampado na carta saltou-se dali também e tomou aspecto de um pássaro cujas asas fossem gradualmente crescendo de tamanho. Pairou por cima do valete e foi depois ocupar de novo o lugar que na carta branca lhe competia. E, contra o que haviam feito os dois anteriores, sem principiar por pedir uma vela, o valete de paus falou assim: — Nem toda a gente tem a sorte de comer fatias de pão barradas de manteiga de um lado e outro. Nem o meu rei nem a minha dama tiveram essa sorte, e todavia bem merecedores dela eram ambos. Em vez disso tiveram de ir para a escola e aprender aquilo que os reis seus antecessores não haviam aprendido... Apesar de terem também um quadrilátero transparente sobre o peito, ninguém cuidava de olhar lá para dentro, a não ser para observar se alguma coisa andava fora dos eixos na máquina interior. Sei isto porque estive bastantes anos ao seu serviço, e estou ainda. Obedeço às suas ordens e, por tal motivo, apresento armas. Foi o que ele fez. Guilherme acendeu o seu e sua honra uma vela, das brancas e muito brilhante. E, de um pulo, o valete de espadas veio, por seu turno, postar-se diante do rapazinho. Não lhe apresentou armas e, zuz-catrapaz, via-se que coxeava. — Os outros todos têm tido, cada um deles a sua vela, e eu deverei ter também uma — disse ele. — Mas se nós, valetes, temos direito a ter uma, os nossos amos e amas devem ter três vezes mais... Eu sou o último dos valetes que vieram ao mundo. Mas sou insultado e crivado de epítetos ultrajantes, por ocasião do Natal. Chamam-me, por exemplo, «a besta negra» e ninguém quer conservar-me no jogo que tenho entre mãos. Têm-me aplicado um nome ainda pior; sim, chamam-me «o homem mau». Isto não é nada gentil e faz-me mal. Eu era outrora o primeiro valete de quarto do rei de espadas e agora sou o último... Não vou narrar-te a história do meu soberano e da minha soberana. O meu senhorzinho deste castelo a conceba como sua própria imaginação lhe quizer dar... Mas viemos todos ao mundo e as coisas não caminharão melhor para nós senão quando montarmos todos no cavalo vermelho e galoparmos mais alto do que as nuvens... O nosso rapazinho acendeu três velas para cada um dos reis e cada uma das damas, de sorte que havia ali tanta luz como no palácio do mais rico imperador. E tanto os reis como as damas reclinavam-se e permutavam reverências. Num gesto de graças, a dama de copas abanou-se com o leque de ouro, que fulgurava como uma flor de fogo. Os augustos pares tinham-se despedido das cartas, haviam saltado para o meio do salão e movimentavam já os seus primeiros passos de dança, quando, de súbito, o aposento em que estava o pequeno Guilherme se encheu de luz e de um estranho clarão. Romperam chammas. O castelo ardia por completo. Guilherme, apavorado, fugiu, gritando: — Papá! Mamá! O castelo está a arder! As faúlhas e as labaredas elevavam-se quase até o teto. E então ouviram-se estas palavras: — Agora, subimos, montados no cavalo vermelho, até mais alto do que as nuvens, até à grandeza e à glória do Todo-Poderoso, como convém a reis senhoras e damas. Que nos sigam os valetes! Sim, foi este o fim do castelo de Guilherme e o das cartas. Guilherme está ainda vivo e são e lava já melhor as suas mãos. E, se o castelo ardeu, não foi afinal por sua culpa. Tradução de César de Frias. (Reprodução proibida).

As cartas de jogar na Dinamarca, diferem, na figuração, das que se usam nos

países latinos. E são outros os jogos, lá, como esses da «besta negra» e do «mau homem». (Nota do tradutor).

CARTA DE VIZELA

CARIDADE — NATAL

Visitamos, na semana finda, a Casa dos Pobres de Vizela, onde se fez a distribuição da cousada aos pobresinhos da Vila. Só uma grande força de vontade aliada a um verdadeiro amor ao próximo e isto tudo aliado a grandes sacrifícios também, foi o que conseguiu fazer tanto bem aos que precisam. Não foi só a ceia melhorada, foi também um verdadeiro armazém de roupas que se distribuíram por dezenas dos sem agasalho e com vontade de comer. Foi ainda e em segredo que se fizeram as principais distribuições, não só de roupas como de géneros, principalmente os mais indicados da quadra que passamos: bacalhau e batatas. Procurar escrever com mais ou menos rendilhados é inútil; o que chega é dizer a essas santas senhoras que organizaram, que mendigaram de porta em porta e que nem sempre foram recebidas de forma a merecer parabéns a quem as atendeu, que Deus lhe pague. Se em todas as terras existissem almas como as das senhoras que chegam a obra de misericórdia da Santa Casa dos Pobres de Vizela, não se diria que a fome pudesse existir na terra. Que Deus lhe pague, Sr. D. Mimi Freitas e a quem com V. Ex.ª colabora na grande, grandiosa missão de dar aos que precisam. V. Ex.ª é a mais fiel intérprete do saudoso poeta vizelense Dr. Bráulio Caldas:

Dar à pobreta é glória que se alcança E' augusta a missão de consolar Há lágrimas ocultas sem esperança Há poemas de dor junto do lar.

Assim, minhas senhoras, que Deus lhe pague.

Homenagem a Brito & Gomes, L.ª

No dia 24 realizou o pessoal da firma Brito & Gomes, L.ª uma homenagem ao fundador da firma, o Sr. Alfredo Alves Ferreira de Brito, já falecido, e aos actuais sócios, Srs. Manuel Flávio e José Faria, e Justino da Silva Gomes.

Pelas oito horas foi rezada missa na paróquia de S. João, à qual assistiu todo o pessoal, empregados superiores e os sócios Srs. Farias. Às onze horas, num ambiente de verdadeiro prazer, realizou-se a sessão de desceramento das fotografias do fundador e dos actuais sócios, tendo um dos encarregados, para tal designado, feito a leitura de que os levou a tal atitude, filha do reconhecimento que têm aos seus patrões ou melhor dizendo aos seus grandes amigos. Num afirmção, disse, por milagre de Deus, por graça de S. Bentinho, Padroeiro de Vizela, temos como patrão o coração de ouro de Justino Gomes, retrato fiel do sempre saudoso Alfredo Brito e a trindade amada dos acrisolados amigos, os irmãos Farias.

Pelos filhos dos sócios Srs. Justino Gomes, menina Maria José e menino José Maria, pela filha do Sr. Flávio Faria, menina Maria da Conceição e ainda pela filha do Sr. José Faria, menina Maria Herzília, foram desceradas as quatro fotografias dos actuais sócios, tendo no mesmo momento feito o desceramento da fotografia do falecido Sr. Bento o sócio Sr. Gomes.

Seguidamente falou o Sr. Manuel Faria, que agradeceu em nome de todos os sócios a homenagem que lhes fora prestada, mas certa como nenhuma que foi ao saudoso Alfredo, verdadeiro fundador e grande amigo. Terminou esta festa íntima com o abraço de todos os presentes e assim mais uma prova do quanto valor tem a boa direcção dum casa a harmonizar o capital com o trabalho.

Bombeiros Voluntários

Tomam hoje posse os novos Corpos Gerentes da benemérita Associação H. dos B. V. de Vizela, que foram assim eleitos:

Assembleia Geral — Presidente, Jerónimo Gomes Martins; Vice-presidente, Clementino da Silva Matos de Andrade; 1.º Secretário, Américo da Costa Campelos; 2.º dito, Luís Vasco Porto Carrero.

tinha o seu fraco pelo jogo das cartas. Quase me ia passando pelas malhas do Padre Paulo Ferreira. Excelente músico e cantor, era de um génio áspero e intransigente. Procurava ser cortês com todos, mas via-se que para isso precisava de fazer grandes esforços, porque o seu natural propendia para ver as coisas só pelos seus olhos e pelos seus ouvidos, o que é egoísmo retinto. Afinal de contas, estou a ser mau com quem não pode defender-se; e isto é deveras censurável em mim, porque alguns favores devo ao ilustre músico e cantor. Alma simples

BOÊMIA

A CASA que V. Ex.ª deve visitar, pois, tècnicamente, não tem rival:

O seu já afamado BOLO REI, em fornadas consecutivas;

Primorosos e económicos SERVIÇOS de CASAMENTO e BAPTIZADO, «COPOS D'ÁGUA», etc.

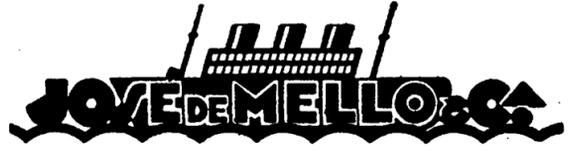
Visite V. Ex.ª a BOÊMIA, ou envie pelo telefone (40165), as suas estimadas ordens.

BOÊMIA

GUIMARÃES

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1889

ESCRITÓRIOS: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazens de Retem e Depósitos (Área coberta: 8.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS:

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21078 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

Direcção — Presidente, José Luís de Almeida; Vice-presidente, Joaquim Ribeiro Martins Camelo; Tesoureiro, José Ribeiro Ferreira; 1.º Secretário, Amaro Pereira de Sousa; 2.º dito, António Portas Salgado; Vogais, Arlindo da Cunha e Armindo Vaz Portas. Conselho Fiscal — João David Pedrosa, Joaquim Martins e José da Silva.

Aniversário

Passa hoje o seu aniversário natalício o nosso prezado amigo Sr. Flávio Faria, dedicado 1.º Comandante dos Bombeiros Voluntários de Vizela, a quem e por tal motivo, apresentamos os nossos cumprimentos com desejos de que seja por muitos anos festejada esta data.

O corpo activo dos Bombeiros vai apresentar ao seu ilustre comandante cumprimentos bem como a direcção dos Bombeiros V. de Vizela. — C.

CARTA DAS TAIPAS

Tríduo e Festa ao Sagrado Coração de Jesus

Precedida de uma série de conferências realizadas na nossa igreja matriz teve lugar no dia de Natal a festa ao Sagrado Coração de Jesus.

Houve a Missa do Galo, à meia noite do dia 24, sendo exposto o SS.º Sacramento à adoração dos fiéis assim se conservando, com grande assistência até à hora da 2.ª missa, 6 e meia da manhã.

Às 9 e meia horas — Missa da catequese ou antes missa destinada à comunhão solene das crianças e na qual tomaram parte considerável número de ambos os sexos, a quem foi distribuída a Sagrada Eucaristia.

Às 11 e meia horas — Missa cantada e sermão pelo Rev. Dr. José de Jesus Ribeiro, talentoso orador sagrado

e distinto professor do Seminário Conciliar, a cargo de quem estiveram todas as conferências.

A tarde — Terço e sermão, seguindo-se-lhe uma majestosa procissão que atravessou as principais ruas da vila através melhor ordem e acompanhada de muitas centenas de pessoas, entoando cánticos diversos a Jesus Eucaristia. Ao recolher outro sermão pelo mesmo orador, sendo dada a bênção do SS.º Sacramento.

Já passava das 17 horas quando tudo dispersou sem a menor nota discordante. É digno de registo o elevado número de pessoas que se abeiraram da Sagrada Mesa.

Melhoramentos

Está a proceder-se ao assentamento do cabo subterrâneo para condução de energia eléctrica para mais e melhor distribuição de luz, acabando assim os fios aéreos por causa do que os jornaleiros da firma concessionária por vezes mutilavam sem dó nem piedade bonitas árvores de sombra.

Já se encontram levantados muitos postes para os candieiros que vêm dar à vila um aspecto mais elegante que os detestáveis carris de ferro.

Há locais, a nosso ver, que ficarão soberbamente iluminados; porém, a rua de Santo António, de todas a artéria de maior movimento deixará muito a desejar, não nos sendo possível compreender a razão por que a nova rede se não estende, de igual modo, até ao lugar do Barco e Largo António de Barros, local dos que deveria ser melhor iluminado em virtude de ali se achar instalada a corporação dos Bombeiros Voluntários, os quais, para bom desempenho das suas funções, são, por várias razões, obrigados ao sacrifício de fazerem exercícios nocturnos, o que não é para desprezar.

Nobre e altruísta entre os mais altruístas, o seu fim é e deve ser digno da simpatia e do carinho de todos nós! — C.

que morava em Santa Luzia, e que me disseram ser também de Vieira do Minho. Fui lá nos primeiros tempos, estando ele de cama, a ver se queria reconciliar-se com Deus; não o conseguiu. Ignoro o que depois se deu. Falta uma referência especial ao Sr. Cónego Miranda, mas essa já a fiz nos primeiros dias. Era um homem apumado, de saber e virtude, e deixou saudades quando a morte o levou. E... basta de necrológios!

Lêde e assinal o «Notícias de Guimarães»